

Nazismo, Guerra e Propaganda: Raymond Aron e a Propaganda Nazista*

Eduardo Mei

Resumo: O presente artigo resume as análises que Raymond Aron faz da propaganda nazista na revista *La France Libre*, publicada em Londres pela resistência francesa que era comandada pelo general Charles de Gaulle. Trata, fundamentalmente, do vínculo indissociável entre a doutrina nazista e a propaganda veiculada pelo nazismo desde sua fundação até o fim da Segunda Guerra Mundial. Não obstante, a enorme objetividade que manifestam, não cedendo à propaganda fácil e às paixões exacerbadas pela guerra, os artigos são considerados também um "esforço de guerra".

Raymond Aron nasceu em Paris, em 1905, e faleceu na mesma cidade em 1983. Depois de estudar Filosofia na École Normale Supérieure, Aron aprofundou seus estudos na Alemanha entre 1930 e 1933. Primeiramente em Colônia depois em Berlim, ele testemunhou a ascensão do nazismo.¹ É sob a influência da *Methodenstreit*² e das tensões que antecederam a 2ª Guerra Mundial que Aron escreverá sua tese de doutorado sobre os limites da objetividade histórica. Deflagrada a guerra, no início de setembro de 1939, Aron será incorporado a um posto meteorológico próximo à fronteira com a Bélgica. Em maio de 1940, é ordenada a retirada do exército francês. Depois de assinado o armistício franco-alemão, Aron decide exilar-se na Inglaterra. Lá os franceses no exílio organizaram o movimento dos franceses livres, sob o comando do general Charles de Gaulle. Sob as instâncias desse, foi criada a revista *La France Libre* que, contudo, jamais foi gaullista. Aron tornou-se colaborador mensal da revista até maio de 1944. Nela publicava mensalmente um artigo sobre os acontecimentos e a situação na França, sob o título Crônicas de França (tais artigos foram republicados sob o título *De l'armistice à l'insurrection nationale*³) e um artigo de análise política ou ideológica, reunidos posteriormente em dois livros: *L'homme contre les tyrans* e *L'âge des empires e l'avenir de la France*.⁴ Esses três livros foram reunidos em um volume único intitulado *Crônicas de Guerra*.⁵ Nesses artigos,

* Texto apresentado no XVIII Encontro Regional de História, realizado em Assis – SP, em julho de 2006.

¹ Os dados bibliográficos que seguem foram extraídos das Memórias de Aron; a cronologia da Segunda Guerra, das Crônicas de Guerra. Cf. R. ARON, *Mémoires*. Paris: Julliard, 1983, pp. 131-193. *Idem*, *Chroniques de Guerre: La France Libre, 1940-1945*. Paris, Gallimard, 1990 pp.13-24 e 693-714.

² O conflito do métodos mobilizou a universidade alemã a partir do final do século XIX, envolvendo autores como Dilthey, Rickert, Simmel e Weber, entre outros. Cf. Freund, Julien. "Introductio" In: Weber, Max. *Essais sur la théorie de la science*. Paris, Plon, 1965, p. 6.

³ R. ARON, *De l'armistice à l'insurrection nationale*. Paris: Gallimard, 1945. 373 pp.

⁴ R. ARON, *L'homme contre les tyrans*. New York: édition de la Maison Française, 1944, 400 pp. Reeditado em 1945 por Gallimard. *Idem*, *L'âge des empires e l'avenir de la France*. Paris: Tribune de la France, 1945, 373 pp.

⁵ *Idem*, *Chroniques de Guerre: La France Libre, 1940-1945*, 1016 pp, op. cit.

ele analisa os motivos que levaram à ascensão de Hitler e do nacional-socialismo, as fraquezas das democracias e as condições para derrotar a Alemanha e instaurar a paz na Europa. Nas páginas que seguem, farei alguns breves apontamentos sobre a análise que Aron traça da propaganda nazifascista, levando em conta que esses artigos também se caracterizam como um "esforço de guerra".

Cabe observar, primeiramente, que tanto a propaganda quanto as formas pelas quais ela era veiculada são indissociáveis da própria doutrina nazista.⁶ Trataremos, portanto, de apresentar suas principais características e, em seguida, examinaremos como ela foi veiculada. As características da doutrina nazifascista remonta a autores como Nietzsche, Sorel e Pareto. Quanto a Nietzsche, ainda que seja absurdo imputar-lhe a origem da doutrina nazista, seu niilismo sem dúvida foi uma das inspirações desta. Segundo Aron,

o niilismo hitlerista não somente emprestou de Nietzsche seu método crítico e alguns de seus resultados mais ou menos vulgarizados, ele nasceu numa atmosfera semelhante àquela que Nietzsche descreve.⁷

Os valores da civilização ocidental eram, segundo Nietzsche, apenas o signo da decadência. Do mesmo modo, a propaganda nazifascista denunciava nas democracias a lassidão dos povos envelhecidos. Para superar essa decadência, Nietzsche prega o vitalismo, proclamando tudo que fortalece, revigora, e exaltando a vontade de potência. Daí à exaltação da guerra é um passo:

O juízo que confere à paz um valor superior à guerra é antibiológico, ele é mesmo um produto da decadência na vida. A vida é consequência da guerra, a própria sociedade um meio para a guerra.⁸

Do mesmo modo, Nietzsche faz a apologia do maquiavelismo que, nas palavras de Nietzsche, “sem mistura, cru, em toda sua pureza, é sobre-humano, divino, transcendente”.⁹ Origina-se aí a distinção nazifascista entre povos senhores e povos escravos. O maquiavelismo exaltado por Nietzsche torna-se, segundo Aron, a “doutrina oficial das tiranias modernas”.

No maquiavelismo, encontramos ainda outra fonte do nazifascismo. Vilfredo Pareto procura extrair da experiência histórica as regras da política, prega o uso do ardil e da violência como seu procedimento rotineiro e, considerando o homem mal por natureza, toma a política por uma ciência imoral. Dada a perversidade dos homens, o príncipe – ou o Führer – deve apoiar-se sobre os vícios dos homens. Como Maquiavel, Pareto considera a decadência humana

⁶ Já tratei com mais vagar, em artigo anterior, da doutrina e propaganda nazistas. Cf. "A Segunda Guerra Mundial e a tirania" texto apresentado no XVII Encontro Regional da ANPUH-SP. Campinas, setembro de 2004. Cf. Anais do XVII Encontro Regional da ANPUH-SP, CD-ROM.

⁷ R. ARON, “Tyrannie e mépris des hommes” (février/1942) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., p. 470. Nos artigos que seguem, todos de Aron, sempre que houver, apresento a data de publicação dos mesmos na *France Libre* entre parênteses.

⁸ FR. Nietzsche *apud* R. Aron, “Tyrannie e mépris des hommes”, op. cit., p.473.

⁹ *Idem, ibidem.*

inexorável. Porém, propõe outra maneira de adiá-la. Exalta o chefe e despreza as massas: os chefes ordenam, as massas obedecem. Pareto distingue assim dois tipos de ideologia: a dos fracos e ardilosos e a dos fortes e violentos. A primeira seria democrática, humanitária, progressista, socialista; a outra, conservadora, religiosa patriótica.¹⁰ Assim, nas palavras de Aron,

Pareto não apenas forneceu um sistema de conceitos aplicável às três grandes revoluções do século XX, [mas] forjou os termos e criou os temas da propaganda totalitária. É ele quem introduziu a noção de plutocracia (ou plutocracia) denunciou a solidariedade dos idealistas burgueses e dos capitães da indústria, tornou zombaria as esperanças progressistas desmascarando os homens e as coisas que se ocultam atrás das doutrinas generosas.¹¹ (...) Ele sugere que o equilíbrio social, fundado sobre uma elite autoritária e massas submissas, é a condição da prosperidade coletiva. Leva a uma apologia da vontade de potência usando uma técnica tirada da experiência (...) *utilizar racionalmente os impulsos irracionais das massas.*¹²

Segue-se daí, uma série de técnicas maquiavélicas modernas utilizadas pelas tiranias nazifascistas, entre as quais destaca-se a técnica da propaganda

A doutrina nazifascista seria alimentada também pelo romantismo da violência que evoluiu de Georges Sorel a Benito Mussolini. Segundo Aron, a tábua de valores nietzschiana foi reduzida ainda mais por Sorel, que dela tirou conseqüências políticas: “o desprezo pelo humanitarismo, pela moderação, pelas virtudes racionais acarreta a condenação das democracias e o apelo à brutalidade para regenerar as sociedades decadentes”.¹³ Sorel despreza o trabalhador pacífico e faz a apologia do guerreiro; elogia os industriais, os capitalistas pioneiros, mas vitupera o capitalista financeiro. Como Pareto, ele condena as democracias e faz a apologia do belicismo, pois a “paz entre as classes e povos acarreta a mediocridade e a baixaza”. Contra essa decadência e lassidão, Sorel pregava a violência proletária, necessária para que “as nações européias embrutecidas pelo humanitarismo encontrem sua antiga energia”.¹⁴ Todavia, enquanto Sorel pregava a violência entre as classes sociais, Mussolini, como também Pareto, considerava utópica uma comunidade livre. A divisão da sociedade entre elite e povo, exploradores e explorados, governantes e governados torna-se uma fatalidade social. O proletariado deixa de ser exaltado, a nação toma o lugar da classe operária. “A verdadeira luta, a luta fecunda e eterna, é aquela entre as nações.”¹⁵ A violência torna-se assim prática corriqueira das hordas

¹⁰ R, ARON, “Le machiavelisme: doctrine des tyrannies modernes” (novembre/1940) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., p. 419-20, *passim*.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 420.

¹² *Idem, ibidem*, p. 421. Destaques no original.

¹³ R, ARON, “Le romantisme de la violence” (avril/1941) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., p. 428.

¹⁴ Georges SOREL *apud* R, ARON, “Le romantisme de la violence”, op. cit., p.429.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 432.

nazifascistas. Ela não se reduzia às práticas governamentais. A violência social também era estimulada. Os partidos nazifascistas faziam dela uma prática comum.

Essas doutrinas nazifascistas encontraram na crise econômica dos anos 30 um ambiente fértil para vicejar. A política econômica liberal, adotada pela maioria dos países aliados, favorecia as elites rentistas e sacrificava o povo com desemprego e miséria. Assim, a pujança da planificada economia alemã era um trunfo da propaganda nazista. Os nazistas opunham a "decadência" das democracias ocidentais ao vigor da "revolução" empreendida por eles na Alemanha. Diante da crise das economias liberais, os nazistas tomavam de empréstimo bandeiras socialistas, mistificando o que ocorrera na Alemanha:

Os trustes, os grandes capitalistas alemães perderam seu império, o dinheiro fundar-se-ia sobre o trabalho e não sobre o ouro, haveria trabalho para todos, escoamento [e mercado] seria garantido para os produtos dos camponeses, as barreiras aduaneiras suprimidas entre os países [europeus] [...]¹⁶

Porém, a crise econômica também propiciou a criação de um bode expiatório pela propaganda nazista: os judeus: "Apenas os financistas da bolsa e os judeus poderiam ser tão egoístas e cegos para combater semelhante programa."¹⁷ Assim, os anos 30 encontra terreno fértil para a propaganda nazista, mas deflagrada a guerra seu conteúdo vai torná-la, a cada dia mais inaceitável.

Aron distingue três fases na propaganda hitlerista. Inicialmente, os nazistas disseminam a violência dentro da própria Alemanha para aniquilar os seus opositores. Durante a década de 30, Hitler adota um discurso pacifista para dissimular o rearmamento alemão.¹⁸ Externamente, os nazistas semeiam a discórdia para preparar a guerra de invasão.¹⁹ Em seguida, Hitler adotou palavras de ordem emprestadas das democracias visando a confundir as consciências ingênuas. Numa segunda fase, a alegação do direito a um espaço vital "corresponde à fase em que o espetáculo, exibido com explosão, dos exércitos e das esquadrilhas, deve difundir o terror, fazer temer o pior em caso de resistência, enquanto que, tentadoras, as palavras deixam esperar que a paz pode ser salva sem sacrifícios irreparáveis.²⁰ Finalmente, há a propaganda disseminada nos países invadidos. Então, a propaganda insiste nas suas bandeiras "socialistas": jornada de trabalho de 40 horas, lazeres, partilha de terras, fim do jugo do lucro, etc.,²¹ e procura angariar apoio com o anti-semitismo. Assim, ela "sugere, por cima das fronteiras, a aliança de todas as

¹⁶ *Idem*, "Propagande et opinion" (15 mai 1941) In: *Chroniques de guerre. Op. Cit.*, p. 98.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 98.

¹⁸ *Idem*, "Bataille des propagandes" (Septembre 1942) In: *Chroniques de guerre. Op. Cit.*, p. 574.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 573.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 574.

²¹ *Idem*, "Propagande et opinion", p. 98.

vítimas da banca judia e internacional". Neste sentido, falando a Paris, em 28 de novembro de 1940. Alfred Rosenberg proclamava que, ao derrotar o exército francês, "a Alemanha liberara o povo francês de seus parasitas dos quais ele não podia mais se desfazer por seus próprios meios".²²

Paradoxalmente, a propaganda nazista se inspirou na propaganda difundida pelos aliados durante a 1ª Guerra Mundial tal, ao menos, como os historiadores do Reich a interpretaram. Esses historiadores exageraram o papel da propaganda aliada com o fito de "negar ou atenuar a realidade da derrota militar e para opor as promessas da campanha aos pretensos rigores da paz."²³ Em grande medida, o êxito da propaganda aliada, segundo os historiadores do Reich, deveu-se ao fato de abalar o moral das tropas alemãs. Nas palavras de Aron,

Os aliados, segundo os historiadores germânicos, lograram convencer uma parte dos alemães, no interior e mesmo no front, que a classe dirigente do II Reich, o militarismo prussiano, era responsável pela guerra, que, por conseguinte, essa guerra era não de Fritz e de Friedrich, mas do *junker*, inimigo comum de todos os povos.²⁴

Desde a ascensão do nazismo, os rentistas e os plutocratas, ou preferencialmente o judeu, assumiram na propaganda nazista o lugar do *junker*:

Rechacando a denúncia do militarismo prussiano, os agentes de Goebbels repetiram infatigavelmente que a responsabilidade pela guerra incumbia aos judeus, aos franco-maçons, aos plutocratas, em todo caso a uma função determinada, senão mesmo a uma personalidade determinada, das classes dirigentes da democracia.²⁵

Não obstante, a propaganda nazista transfigurou os métodos da propaganda aliada, apresentando-se como uma grande empresa bem antes de deflagrada a guerra, e dando um novo sentido à diferenciação entre as classes. De fato, os nazistas se empenharam muito mais em seduzir as elites, que se destinariam a governar os países satélites, do que a conquistar as massas. Uma opção coerente com sua visão elitista da política – a apologia dos chefes e o desprezo das massas.

Feito esse breve resumo, que, devido aos limites que se impõem, não faz jus às análises de Aron, Cabe agora tratar também brevemente do fracasso da campanha nazista. No caso específico da França, a rápida vitória militar alemã, o súbito e surpreendente desastre, e a evacuação precipitada e caótica que se seguiu, dispersando milhões de franceses pelo país, reduziram ou eliminaram os meios de comunicação e difusão de notícias. A imprensa e as rádios ficaram sob ordens alemãs. Parte da imprensa recusou-se a atuar durante a ocupação, alguns

²² *Idem*, "Bataille des propagandes", p. 574.

²³ *Idem*, "Bataille des propagandes", p. 575.

²⁴ *Idem*, "Bataille des propagandes", p. 575.

²⁵ *Idem*, "Bataille des propagandes", p. 575.

jornais atuaram sob censura e em outros colaboracionistas de vários matizes assumiram a redação. Alguns jornais transferiram-se de Paris para a zona desocupada.²⁶ Simpatizantes do nazismo assumiram as rádios e difundiram a propaganda nazista ou aquela de Vichy.²⁷ Em tal cenário, com a França ocupada por 4 longos anos, quais os motivos do fracasso da propaganda alemã? Fundamentalmente, o evidente abismo entre a propaganda nazista que, embora disseminasse o ódio e os conflitos internos nos países ocupados, pretendia apresentar alguns elementos "positivos": valorização do trabalho e das massas em detrimento das elites e do lucro. A pilhagem praticada pelo exército alemão e a distinção nazista entre povos senhores e povos escravos desnudava as mentiras propagandeadas pelos agentes de Goebbels. Trunfos militares e econômicos – a conversão das economias aliadas em economias para a guerra – contribuíram para desnudar a violência nazista. Nas palavras de Aron,

tão paradoxal que o fato possa parecer, depois de dois anos a resistência dos povos dissipou o canto maléfico que emanava da força alemã e revelou a impotência de uma vitória reduzida, para se manter, a multiplicar incessantemente suas violências vãs.²⁸

Assim, o avanço nazista exacerbou os sentimentos nacionais e antialemães, efeito colateral da doutrina da superioridade "ariana" e da divisão do mundo em povos senhores e povos escravos. A presença do invasor animou as resistências e os sentimentos democráticos e libertários.

²⁶ *Idem*, "Propagande et opinion", pp. 96-99.

²⁷ Segundo Aron, a propaganda de Vichy distinguiu-se da nazista por tratar a colaboração com os nazistas como um mal necessário para manter a unidade francesa e salvar parte do país e o império. Cf. *Idem*, "Propagande et opinion", pp. 99-104.

²⁸ *Idem*, "Bataille des propagandes", p. 577.